

## PARA LER E COMPREENDER - HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA DE JOSÉ LINS DO REGO

RENATA JUNQUEIRA DE SOUZA (CELLIJ/UNESP)<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0001-8508-0350>

ANDRÉIA PAULA DA SILVA (UFPB)<sup>2</sup>

<http://orcid.org/0000-0003-0646-4079>

**RESUMO:** Este artigo traz uma atividade de leitura para Histórias da Velha Totônia, de José Lins do Rego, um guardião da memória e da tradição do seu tempo de infância e juventude. O objetivo deste trabalho é mostrar como a carga simbólica e significativa que envolve essa obra pode ser explorada na escola, numa turma de 7º ano do Ensino Fundamental, quando associada ao trabalho com o ensino da compreensão leitora. Evidencia-se como, a partir dessa obra da literatura infantojuvenil, que destaca a contação de histórias, é possível acionar o conhecimento prévio para estabelecer conexões, fazer inferências, sumarizar e sintetizar para compreender as quatro aventuras contadas pela Velha Totônia. A contação de histórias desperta o interesse pela leitura e contribui para a formação de leitores proficientes. Dentro da temática dos clássicos, as histórias da Velha Totônia são ambientadas no Nordeste brasileiro. Por envolver aspectos da constituição social de um povo, a leitura consiste em um instrumento constituidor de subjetividades e da formação inteligível de um ser. Por isso, essa proposta une contação de histórias e estratégias de compreensão leitora. Apresenta uma prática de leitura que, não só facilita, mas também viabiliza o processo de compreensão integral das histórias da boa velhinha, que saía pelos engenhos contando histórias de Trancoso. Compreender e interpretar os diversos tipos de textos, a partir de diferentes finalidades contribui de forma significativa para o desenvolvimento potencial das pessoas e sua atuação numa sociedade letrada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias da Velha Totônia. Estratégias de compreensão leitora. José Lins do Rego. Leitura e ensino.

**ABSTRACT:** *This article brings a reading activity to Histórias da Velha Totônia, by José Lins do Rego, a guardian of the memory and tradition of his childhood and youth. The objective of this work is to show how the symbolic and significant load that this work involves can be explored at school, in a class of 7th grade of Elementary School, when associated with teaching reading comprehension. It is evident how, from this work of children's literature, which highlights storytelling, it is possible to activate prior knowledge to establish connections, make inferences, summarize and synthesize to understand the four adventures told by Velha Totônia. Storytelling arouses interest in reading and contributes to the training of proficient readers. Within the theme of the classics, the stories of Velha Totônia are set in Northeast Brazil. As it involves aspects of the social constitution of a people, reading is an instrument that constitutes subjectivities and the intelligible formation of a being. Therefore, this article unites storytelling and reading comprehension strategies. It presents a reading practice that not only facilitates, but also makes possible the process of integral comprehension of the stories of a good old lady, who left the mills telling stories of Trancoso. As a result, understanding and interpreting the different types of texts, from different purposes contributes significantly to the potential development of people and their performance in a literate society.*

**KEYWORDS:** *Histórias da Velha Totônia. Strategies of Reading Comprehension. José Lins do Rego. Reading and teaching.*

---

<sup>1</sup>Livre-docente em Metodologia de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista, coordenadora do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (CELLIJ). E-mail: recellij@gmail.com

<sup>2</sup>Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Marciel de Barros. E-mail: andreia-paula20@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Memória, tradição e cultura envolvem a contação de histórias e são elementos característicos da poesia de José Lins do Rego, em especial na obra *Histórias da Velha Totônia*, pertencente à literatura **infantojuvenil**, lançada em 1936 e, até os dias de hoje, lida por leitores de todas as idades. Tal livro evoca a “gente das maravilhas” no resgate de uma tradição milenar: a contação de histórias. Histórias que marcam o imaginário dos meninos dos engenhos, com relatos conhecidos como histórias de Trancoso.

A contação de histórias é uma prática tão marcante e tão envolvente que pode despertar o interesse pela leitura e também contribuir para o desenvolvimento de leitores proficientes. José Lins do Rego, por exemplo, não só declara, na apresentação e dedicatória do livro, nunca ter esquecido a contadora de histórias do seu engenho, a Velha Totônia, e as histórias por ela contadas, como ainda sinaliza ter buscado inspiração nessa velha “bem velha e bem magra”, que andava de engenho em engenho, “contando suas histórias de Trancoso” para produzir o livro *Histórias da Velha Totônia*. Na verdade, ele divide a cena da contação com a própria contadora de histórias da sua infância, e com certeza, se ela o inspirara a escrever, também fora fonte para formar o leitor José Lins do Rego.

Assim sendo, considerando a leitura um instrumento constituidor de subjetividades e da formação inteligível do indivíduo, desde a infância, este artigo apresenta uma atividade prática para o ensino da leitura, a partir das estratégias de compreensão leitora, com o texto *Histórias da Velha Totônia*. Para tanto, busca-se fundamentos em Solé (1998), Santos e Souza (2011), e a partir do olhar dessas autoras, enfocam-se as contribuições de Pressley (2002), Harvey e Goudvis (2008), Davis e Souza (2009) e Zimmerman e Hutchins (2003). Para a abordagem desse contexto principal, este trabalho ainda esboça o quadro atual da leitura em sala de aula, principalmente no tocante à leitura literária. Sobre a leitura do texto literário nas instituições escolares, aporta-se em Zilberman (1988) e Dalvi (2013).

## O CONTADOR DE HISTÓRIAS: JOSÉ LINS DO REGO

No trecho de abertura de *Meus verdes anos*, um dos seus livros de memórias, publicado em 1956, José Lins do Rego apresenta-se em sua matéria vertente. Descendente de senhores de engenho, ele é histórica e literariamente constituído por suas dores, angústias e limitações, semelhante ao barro informe que compõe as imensas planícies e elevações do engenho de cana-de-açúcar onde nascera e fora criado. Seja esse engenho em seus tempos áureos ou de decadência. Podendo-se ainda compará-lo idilicamente banhado nas águas claras e/ou turvas, mansas e/ou revoltas do rio que flui pelo fértil massapê paraibano e que serpenteia e passa em frente à casa-grande do engenho do seu avô. Mas, acima de qualquer outro fato, Rego ancora-se na verdade estética oriunda da memória e da observação, que tem como pano de fundo as lembranças da infância vividas no Engenho Corredor, no município de Pilar, na Zona da Mata da Paraíba.

Isso posto, compreende-se que o fazer literário de José Lins do Rego mistura história, memória e ficção. O autor se insere no “Movimento Regionalista do Nordeste”, que não só prima por uma arte genuinamente brasileira, como também prioriza a ambientação das narrativas nessa região, com base no povo e na cultura de uma terra e de sua gente. Para tanto, o escritor utiliza-se da espontaneidade e do instinto em suas produções. Declara que sua obra se aproxima da dos cegos cantadores de feiras livres, que desenvolvem suas canções a partir de cantorias ou repentes, cujo teor artístico está no fato de serem realizadas em função do improviso e da forma como surgem à memória.

Podemos retomar Bakhtin (2014) e ressaltar a busca na base popular dos antigos dialetos, nos refrãos, nos provérbios e na boca dos simples e dos loucos. Isso porque Lins do

Rego, que nascera menino de engenho, adota as recordações da infância e da adolescência para compor seus textos, ao ponto de ser considerado um memorialista de primeira linha. Ora Rego retorna à paisagem do Engenho do avô, o mítico Coronel Zé Paulino, ora retoma as histórias noturnas contadas pelas escravas e amas-de-leite e pela Velha Totônia.

Convém enfatizar ainda que, como afirma Bosi (2013), a rememoração presente na obra de José Lins do Rego não consiste em uma rememoração de um menino qualquer. São impressões e subjetividades nascidas das observações e vivências de um menino estigmatizado por uma infância de sanções e limites impostos por causa da sua doença e das perdas afetivas que o acometera. Consegue canalizar sua resistência emotiva para expor suas recordações infantis e juvenis no “registro intenso da vida nordestina colhida por dentro” (p. 425). Assim, o autor lança mão de uma tradição popular, focada na oralidade e, conseqüentemente, na exploração da memória a serviço da invenção para uma criação singular na literatura brasileira. Nessa perspectiva, a carga afetiva, representativa do teor autobiográfico, torna-se uma componente essencial para uma segunda componente, a contação ficcional oriunda da observação em prol da construção do cronotopo de seu processo literário.

É a partir desta singularidade literária que Rego é considerado por Carpeaux (1990), retomando a afirmação de Hafez (1997), como o último dos contadores de histórias. Contar histórias constitui rememorar, evocar as memórias do passado na edificação de um momento do presente. O contador de histórias representa um elo entre o passado e o presente, reproduzindo legados demarcados pela tradição oral de um povo. Ao realizar esta tarefa, este autor expõe toda a carga emotiva, enérgica e sensível que o compõe para permear o presente com o passado. Constitui-se, assim, um verdadeiro porta-voz das gentes das maravilhas:

os contadores de histórias são uma espécie de guardiões de tesouros. Não daqueles que possam comprar o mundo, mas dos tesouros que ensinam a compreender o mundo e a si mesmo. Eles semeiam sonhos e esperanças, sendo chamados de ‘gente das maravilhas’ pelos árabes (CARAM e MATOS, 1996, apud SANTOS e ARAPIRACA, 2017. p. 7).

A afirmação enfatiza Rego como um verdadeiro contador de histórias e, atrela-se ao fato de que, muitas das imagens do seu universo ficcional coadunam-se mais à sua memória familiar e regional do que à própria ficção. São lembranças das histórias por ele vividas e ouvidas. E, embora na atualidade tenhamos muitos pesquisadores da literatura brasileira (Fischer, Dalcastagnè, Franchetti), encontramos em Massoud Moisés (2012) uma referência a Rego e suas características regionalistas. Porém, a autenticidade de seu regionalismo transcende a qualquer estereótipo apriorístico:

[...] realiza o ideal inerente a todo escritor regionalista: entrever nos quadrantes específicos de uma área geográfica e de uma dada situação moral, características de universalidade e perenidade. Desse modo, à semelhança da dupla cervantina, que escapa do condicionamento ibérico para a simbolização de tendências básicas do ser humano, a obra de José Lins do Rego e a criação de muitas das suas personagens ultrapassam as barreiras do sertão [...] (MOISÉS, 2012, p. 523).

O recorte feito por Moisés para apresentar a personagem Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, o livro Fogo Morto, de Rego, vem enaltecer todo o percurso literário desse autor. Isso o diferencia dos demais que se dedicam à temática regionalista. Sua especificidade está principalmente no memorialismo utilizado para rememorar e “contar” suas histórias. Ele revisita seu passado, sua infância, sua região – o engenho do seu avô – para reinventar as pessoas com quem convivera, verossimilantemente. Isso é memória, tradição e cultura. Isso, de acordo

com vários estudiosos de Rego, faz de seu acervo literário uma verdadeira epopeia rural, na narrativa de um menino que evoca seu passado para cantar em prosa a sua história, a sua gente e a sua terra, o Nordeste brasileiro.

### **HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA: REPRESENTAÇÃO DA "GENTE DAS MARAVILHAS"**

Situada na categoria de literatura infantil-juvenil, Histórias da Velha Totônia constitui uma narrativa ímpar no acervo da criação literária de Lins do Rego. É uma produção destinada às crianças do Brasil, como o próprio autor sinaliza na dedicatória do livro. Ele ainda enfatiza que quer contar as histórias ouvidas da boca da Velha Totônia, pois possui esperanças de que todos o ouçam com a mesma ansiedade e o mesmo prazer com que ele escutava aquela contadora de histórias. A Velha Totônia representa um elo entre o passado e o presente do escritor, entre o seu mundo real e o da fantasia. Através dela, o autor torna-se um representante da “gente das maravilhas” e narra para todos os meninos do Brasil o que aquela contadora de histórias significava para ele.

Percebe-se o seu desejo de sensibilizar o leitor, despertando-lhe encantamento e prazer a o ato de ouvir suas histórias. Esse intuito não se dá por acaso, está atrelado, por um lado, ao escopo dado à literatura infantil, cuja ludicidade é importante. Já, por outro lado, o desejo do autor liga-se à sua pretensão de sanar a dor, preencher as lacunas sentimentais e materiais de crianças e jovens que não dispõem, como ele dispôs, de recursos pessoais, afetivos e financeiros em um país como o Brasil. Além disso, ainda representa uma forma de suprir as limitações para quem, como ele, teve uma "as borboletas da infância misturadas a tormentos de saúde" (REGO, 2010, p. 16-17). Recontar as histórias da Velha Totônia constitui, assim, uma tentativa de amenizar as ausências, sejam oriundas da desigualdade social e da desumanidade que obrigam crianças e adolescentes a viverem na crueza de uma vida desprovida de alegrias e sem perspectivas.

### **O UNIVERSO ESTRUTURAL DE HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA**

Histórias da Velha Totônia se constitui a partir das memórias de José Lins do Rego. Uma componente bastante significativa e que traz um diferencial para a estrutura narrativa desta obra é o fato de o autor mudar o foco narrativo. Ele inicia o livro em primeira pessoa, em uma única página. Porém, faz ressurgir a contadora de histórias da sua infância. É ela quem narra os textos por ele apresentados. Convém ressaltar que a Velha Totônia não aparece no início, no desenvolvimento, ela é elucidada precisamente na dedicatória. Mas, ganha uma relevância enorme. E isso se deve à forma como Rego, apresenta aos meninos de todo o Brasil a Velha Totônia. Ele diz que

Ainda se lembra até aquele dia da velha Totônia, bem velha e bem magra, andando, de engenho a engenho, contando as histórias de Trancoso. Declara que não havia menino que, assim como ele, não lhe quisesse um bem muito grande, que não esperasse, com o coração batendo de alegria, a visita da boa velhinha, de voz tão mansa e de vontade tão fraca aos pedidos dos seus ouvintes (REGO, 2010, p. xi).

A Velha Totônia é mostrada como alguém especial e muito marcante que nem o tempo conseguiu apagar a lembrança do autor, menino. Ela possuía a missão incansável de levar fantasia e alegria às crianças dos engenhos, contando histórias de Trancoso, que são histórias populares e transmitidas pela tradição oral do Nordeste. Seu modo de contar tanto encantava os ouvintes, que eles esperavam ansiosamente, “com o coração batendo de alegria, a chegada da boa velhinha, de voz mansa” (REGO, 2010, p. xi) e que atendia a todos os pedidos de

histórias das crianças, fossem elas, “menino de engenho ou meninos de bagaceira” (REGO, 2010, p. 16-17).

Rego não atribui muitas características à Velha Totônia, porém as que lhe são conferidas são significativas para que a imagem dessa senhora, contadora de histórias, faça uma analogia à figura mística do Papai Noel. Pois, o um bondoso velhinho, conforme a tradição popular divulga distribui presentes, no Natal, às crianças que durante o ano praticaram o bem. Ela, uma boa velhinha, distribui presentes às crianças dos engenhos através da contação de histórias. Presentes/histórias que não só colocavam as crianças/ouvintes em pé de igualdade, mas também as teletransportavam igualmente para outros mundos, para universos fantásticos. Nos atributos da Velha Totônia, segundo Rego (2010) está o de ser uma idosa ‘de vontade fraca’, porque sempre fazia o que os meninos lhe pediam. Por esse motivo, a Velha Totônia (re)contava as histórias que mais fascinavam àquelas crianças.

Em Histórias da Velha Totônia, os quatro contos do livro trazem a abordagem tradicional dos contos de fadas. Exploram a temática maniqueísta na sua eterna luta do bem contra o mal. As histórias são hipertextos que resgatam a tradição dos contos orais europeus. O macaco mágico, por exemplo, possui traços persuasivos e a esperteza da personagem Gato de Botas. Também se encontra intertextualizado com o conto folclórico O Flautista de Hamelin, escrito pelos irmãos Grimm.

Já o conto A cobra que queria ser uma princesa explora a temática do amor de um rei por sua filha. Traz um final pouco convencional e sinaliza a importância da gratidão. Há nessa narrativa elementos das histórias de Cinderela (sapato = anel) e de A bela adormecida (forma de nascimento da princesa). Em, O Príncipe Pequeno se percebe elementos intertextuais como crianças perdidas na floresta que chegam a um reino de gigantes, como ocorre em João e Maria e em João e o pé de feijão. E, por fim, o texto O sargento verde apresenta a história de uma velhinha pobre, que, na verdade, é Nossa Senhora, disfarçada. Uma bela moça ajuda a velhinha e em retribuição Nossa Senhora salva a moça das garras do diabo.

Desta maneira, podemos afirmar que as histórias da Velha Totônia são clássicos que atravessam gerações, ambientados no Nordeste brasileiro. Os contos têm linguagem coloquial e, são permeados por regionalismos. Eles exploram aspectos místicos e há também um maniqueísmo, que espalha encantos, ilusões e virtudes sobre a terra nordestina. Tais histórias reverberam a religiosidade, as crenças e as tradições de um povo, valorizando os costumes e as ideologias de um espaço geográfico delimitado por uma cultura.

Lins do Rego lamentou em seus prefácios a figura do contador de histórias que, no início do século XX, já se mostrava enfraquecido na literatura regionalista, por isso ele resolve escrever uma obra que valoriza a figura do contador de histórias e traz em Totônia esse poder de performance, de proferição e de sedução.

Convém ressaltar que não é à toa que a contadora de histórias de Rego é a “velha” Totônia. Tal adjetivo, incorporado ao seu nome, passa a fazer parte da identidade dessa ‘bondosa’ senhora. Torna-se um codinome tão intrínseco à sua missão que, muitas vezes, parece ser até seu próprio nome. A personagem revestida de conhecimentos e sabedorias, prioritariamente populares, carrega uma carga significativa que lhe atribui o valor de uma testemunha. Alguém que, mesmo sendo apenas uma pessoa, representa e atesta as concepções da coletividade, como forma de reconstruir o que chamamos - memória.

É, portanto, nessa perspectiva, que Ecléa Bosi (1979) sinaliza que a função social de um ‘velho’ é a de lembrar, de aconselhar e de ser um elo entre o passado e o porvir de uma sociedade. Afinal, a lembrança constitui um resgate da história de uma sociedade e contribui para a formação da memória afetiva e identitária de um povo.

Diante do exposto, ao evocar, quando adulto, a Velha Totônia da sua infância e do seu engenho para recontar algumas histórias de Trancoso, Rego elucida a importância da missão realizada por esta velha senhora na vida dele. Comungando do encantamento do autor pela Velha Totônia e pelas histórias por ela contadas, observa-se, portanto, o quão significativo para crianças e adolescentes torna-se o processo de ouvir histórias. Tais textos estabelecem elos entre o presente e o passado, entre a realidade e a fantasia. Ouvir, lembrar e (re)contar histórias vinculam-se à memória afetiva da pessoa e se relacionam com o processo de leitura.

Nos dias atuais, o processo de contar histórias já não acontece mais em um ambiente rural, mas atrela-se à escola, e mais precisamente ao professor, que tem a responsabilidade de ler, contar e recontar as narrativas, neste caso de José Lins do Rego, propagando a esperança do autêntico contador de histórias do Nordeste.

## AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

A sociedade contemporânea exige leitores proficientes e em tempo integral. A todo o momento, deparamo-nos com a necessidade de ler textos presentes em diversos suportes e em contextos muito variados. A forma como cada um lê esses textos não é a mesma, pois não acontecem dentro das mesmas competências leitoras. Disso reverbera a proposição de que nem todos desenvolveram habilidades suficientes para usar a leitura como uma ferramenta de enfrentamento aos desafios da vida em sociedade e para o desenvolvimento de potencialidades pessoais e profissionais.

Partindo desses pressupostos, Solé (1998) enfatiza que compreender e interpretar textos de diversos tipos, com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a construção da autonomia das pessoas. Nesse viés, a leitura se configura como um instrumento necessário para que o ser atue significativamente em uma sociedade letrada. É, então, por esta perspectiva, que a escola deveria potencializar seus estudantes na prática de leitura. Cabe a ela, através da leitura, fornecer as estratégias necessárias para que os estudantes construam uma prática de busca e análise, selecionando, relacionando, organizando e adquirindo informações significativas para a compreensão dos textos nas diversas situações sociais do exercício da cidadania.

Dessa maneira, a escola do século XXI precisa formar leitores competentes, que gostem de ler, que leiam por prazer e também para adquirir conhecimentos ou obter informações para as mais diversas finalidades. Compete a ela inicialmente, através dos seus educadores, ensinar a ler, e concomitantemente ensinar a compreender o que se lê. Ou seja, leitura, não apenas no sentido superficial do termo, o da decodificação, mas a da compreensão do texto, de modo a atribuir significado ao lido, conforme afirmam Santos e Souza (2011).

As autoras (2011) apontam quatro condições necessárias para que a leitura seja encarada como esse processo que se movimenta entre o que se reconhece no texto e o que se compreende dele. A saber: i. a interação entre texto e leitor promovida pelos conhecimentos prévios e pelas experiências do leitor; ii. o reconhecimento das características do texto lido; iii. a observação da relevância do contexto de produção do texto e, por fim, iv. a aplicação de estratégias de leitura que facilitem o processo de compreensão.

As investigadoras (2011) enfatizam a importância de estímulos e de um trabalho efetivo no tocante à leitura em sala de aula. Sinalizam a realização de um processo em torno das estratégias de compreensão leitora. Proposta que consiste em uma metodologia norte-americana originada dos estudos da metacognição, definida por Pressley (2002). Nessa perspectiva metodológica, metacognição é definida como o conhecimento do leitor sobre o próprio processo de pensar e, conseqüentemente compreender o caminho que o levou a compreender a leitura de um determinado texto.

Deste modo, como o texto vai além das características que possui e das intenções e habilidades de seu autor, compreendê-lo não corresponde a acertar algo que se pressupõe antes de lê-lo. A compreensão faz parte de um processo dialógico firmado entre o leitor e o texto. Envolve as experiências, os conhecimentos e as vivências desse leitor. Abrange a reflexão sobre o conjunto de possibilidades e estratégias que conduzem à construção de sentido para o texto, dentro de suas interpretações múltiplas.

O leitor, então, dialoga com o autor, no momento da leitura, para perceber a intencionalidade presente no seu discurso. Ele ainda pode acionar seu conhecimento de mundo e sua bagagem sociocultural para se identificar e se projetar no texto, aproximando-se e/ou distanciando-se das ideias nele contidas. Nesse âmbito, também compete a quem lê mesclar o texto com suas próprias opiniões, em decorrência da incompletude ou das lacunas deixadas pelo autor.

Assim sendo, o processo de leitura requer atenção e estratégias dinâmicas de construção de sentido para possibilitar a interação entre o leitor e o texto. A leitura representa, portanto, uma habilidade fundante do ser humano, uma prática social e um ato de co-produção textual. Para tanto, tomamos como significativa a abordagem de Solé (1998), também considerada por Santos e Souza (2011), no tocante a considerar as três etapas significativas para o trabalho com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura.

Para o antes, destacam-se propostas como: antecipação do tema ou da ideia central do texto a partir da análise de elementos paratextuais, como o título, o subtítulo, as imagens, as orelhas e as guardas dos livros. Também pode-se fazer uma conversa sobre o assunto que possivelmente será desenvolvido no texto. Além disso, devem ser exploradas expectativas em função do suporte, analisando a formatação, o gênero e o autor.

Solé (1998) destaca que as propostas para durante a leitura, podem confirmar, rejeitar ou retificar as antecipações ou as expectativas criadas antes da leitura. Para tanto, deve-se localizar e/ou identificar o tema ou a ideia central do texto e também esclarecer o significado de palavras desconhecidas a partir de inferências capazes de auxiliar na compreensão. Ainda é interessante formular conclusões sobre as informações implícitas no texto, com base em outras leituras, no conhecimento prévio e nas experiências de vida, crenças e valores dos estudantes. Convém formular hipóteses a respeito da sequência do enredo. Também se faz importante buscar informações complementares para construir o sentido macrotextual. Sendo relevante identificar as pistas que mostram a posição do autor, relacionar novas informações ao conhecimento prévio e fazer referências a outros textos, ou seja, identificar a intertextualidade.

Para o depois da leitura, Santos e Souza (2011) sugerem construir a síntese do texto; realizar o registro escrito para melhor compreensão; trocar impressões a respeito do lido; relacionar informações para tirar conclusões; analisar dados ou opiniões emitidas no texto e realizar uma avaliação crítica do mesmo.

Ancoradas nessa concepção soleniana e nos estudos de Harvey e Goudvis (2008) elencam sete estratégias de compreensão leitora a serem consideradas pelo professor no trabalho efetivo com leitura em sala de aula: i. conhecimento prévio; ii. conexões; iii. inferência; iv. visualização; v. perguntas ao texto; vi. sumarização e, vii. síntese.

As autoras enfatizam que os norte-americanos consideram o conhecimento prévio a "estratégia-mãe" ou "estratégia guarda-chuva", pois comporta em si as demais estratégias de leitura. No ato da leitura, o leitor evoca informações armazenadas em seu cérebro, no tocante ao seu repertório de vivências, experiências sociais, horizonte de expectativas e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Ele aciona o conhecimento armazenado acerca do mundo em relação àquilo que está lendo.

A conexão é uma outra estratégia que se insere na emersão do conhecimento prévio. Isso pode acontecer de três maneiras: conexão texto-leitor, quando ao ler, o sujeito estabelece relações com suas experiências pessoais. Além dessa, faz-se importante também realizar a conexão texto-texto e texto-mundo, também ancoradas no conhecimento prévio. Na conexão texto-texto, o leitor estabelece uma relação do que está lendo com outros textos lidos. Santos e Souza (2011) sinalizam que essa conexão “ajuda a transitar melhor pelo texto” (p. 31), uma vez contribui para a atribuição de significados ao texto em leitura. Já no tocante à conexão texto-mundo, os leitores devem ser provocados a refletirem sobre como aquele texto se conecta com fatos e acontecimentos vistos em jornais, revistas de atualidades e na internet. Novamente acionam seus saberes de mundo para compreender e interagir com o texto.

Uma outra estratégia de leitura é a inferência, que também é uma estratégia relacionada ao conhecimento prévio e à analogia entre texto-texto e texto-mundo. A atividade da conexão, somada à análise das pistas encontradas no texto, mas não confirmadas pelo autor (lacunas ou incompletude textual) possibilitam ao leitor desenvolver uma conclusão lógica sobre aquilo que não se encontra explícito. Dá-lhe a oportunidade de compreender o implícito, as entrelinhas do texto. É considerada como uma das estratégias mais difíceis de ser ensinada.

A visualização, é vista por Harvey e Goudvis (2008), como a estratégia de leitura que traz mais alegria ao ato de ler. Também se encontra abarcada pelo conhecimento prévio. Através da visualização, o leitor evoca imagens mentais que somente a ele pertencem. Ele constrói imagens para cenas, pessoas, lugares e objetos descritos no texto com base no conhecimento de mundo que possui. A visualização associa o lido a imagens a ele relacionadas.

Quando fazemos perguntas ao texto que estamos lendo, estamos usando outra estratégia de leitura que serve para desfazer qualquer possível equívoco ou dúvida que venha a dificultar a compreensão e também para fortalecer a análise e a dedução do que se lê. Além de explicar alguns aspectos confusos do texto, ajudam o sujeito a encontrar respostas, a solucionar problemas e a localizar informações específicas do texto. Santos e Souza (2011) enfatizam que se torna significativo considerar as contribuições de Davis e Souza (2009) sobre questões magras e gordas, pois trata-se de uma maneira fácil de explicar ao estudante como fazer perguntas ao texto e a qualidade dessas indagações. As autoras (2009) apontam que questões magras são as que requerem respostas curtas e objetivas sobre o texto lido. As perguntas são aquelas que para responder o estudante busca no texto, copiando a resposta. Por conseguinte, as questões gordas, são abertas e exigem respostas mais elaboradas, que faz o leitor pensar, permitindo mais de uma resposta e envolvendo conceitos e um diálogo com os conhecimentos dos estudantes. São, portanto, mais complexas, já que são inferenciais.

Uma outra estratégia de leitura é sumarização que possibilita ao leitor elencar os pontos mais relevantes do texto. Relaciona-se à separação entre fatos e detalhes. Requer atenção e representa o processo de compreensão propriamente dito, já que o leitor deve sumarizar os pontos importantes do texto. Esta estratégia encontra-se diretamente relacionada à uma outra que é a síntese. Esta também facilita a compreensão, pois corresponde à uma reescrita pessoal do texto, a partir dos seus elementos essenciais. É recontar aquilo que foi lido, considerando os pontos mais significativos da sumarização.

Dessa forma, vários pesquisadores (SANTOS e SOUZA, SOLÉ, PRESSLEY) acreditam que quando o leitor aprende e utiliza as estratégias de compreensão leitora, seja para ler uma notícia ou uma obra literária, ele se torna autônomo e proficiente em leitura. Torna-se um leitor em potencial, capaz de transformar as estratégias em habilidades. Santos e Souza (2011), embasadas em Zimmermann e Hutchins (2003), citam que tais habilidades, são: i. criar imagens mentais sobre o lido; ii. compreender o lido, ao estabelecer relações com seu conhecimento prévio; iii. formular questões que ajudem na compreensão e na síntese daquilo que foi lido; iv.



fazer inferências para preencher as lacunas textuais; v. determinar os pontos mais importantes do texto; vi. sintetizar informações significativas e vii. usar elementos da sumarização para a realização de produções textuais. Habilidades estas já citadas acima.

Isto posto, salienta-se que o trabalho com as estratégias de compreensão leitora pode representar uma possibilidade de mudança no quadro desolador do ensino de literatura e na prática de leituras literárias, em sala de aula. Isso porque a escassez dessas práticas “desde a educação infantil vem prejudicando o ensino-aprendizagem de literatura nos anos finais do ensino fundamental e em todo o ensino médio”, como afirma Dalvi (2013, p. 125). Tais estratégias podem formar leitores proficientes e trazer a efetiva leitura literária para a escola.

Muitos pesquisadores (DALVI, ZILBERMAN, SANTOS e SOUZA, entre outros) chamam a atenção para a contribuição que a leitura literária traz na construção do conhecimento prévio do indivíduo, levando-se em conta a importância do papel crítico-reflexivo e humanizador que tem a literatura. A leitura de textos literários possibilita ao sujeito reconstruir realidades, relacionando-as com sua própria vida. Ao mesmo tempo que lhe permite explorar e respeitar pontos de vista alheios, semelhantes ou divergentes aos seus. Ainda, permite-lhe criar alternativas, rever conceitos, ideias e valores, ou seja, autoriza-o a ressignificar seus conhecimentos. Por essa e outras razões,

[...] visando a superar os problemas vigentes de leitura e, principalmente de leitura literária, pode-se e deve-se valorizar/explorar o texto literário em sua pluralidade (linguística, histórica, social, política etc.) e em suas distintas dimensões (intertextual, transversal, transdisciplinar e intersemiótica) (MARTINS, 2006) – isso porque, para Kleiman e Moraes (1999), a leitura (e especificamente a literária), dada sua inserção em práticas sócio-históricas e culturais, pode ser uma atividade de integração contra a fragmentação de saberes [...] (DALVI, 2013, p. 130).

Dessa maneira, a autora defende que a leitura literária deveria estar entre as práticas escolares cotidianas. Por meio de textos dessa esfera, aprimoram-se competências e habilidades para o desenvolvimento de aprendizagens múltiplas, que vão do âmbito linguístico ao sociocultural, ao histórico e ao político.

Diante do exposto, mostraremos a seguir uma maneira de explorar a narrativa de José Lins do Rego - Histórias da Velha Totônia -, em suas dimensões transtextuais que exigem a feitura de conexões e, conseqüentemente, conduzem ao fortalecimento do conhecimento prévio do estudante. Dessa maneira, a leitura efetiva dos quatro contos de Lins do Rego, em sala de aula, nas conjunturas sinalizadas por Dalvi, constitui uma perspectiva de construção integral do conhecimento. Para tanto, utilizaremos as estratégias de compreensão leitora para o desenvolvimento desse trabalho, em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental. Acreditamos que tais estratégias possam representar para esses alunos um suporte significativo para sua formação enquanto leitores autônomos na escola e na vida.

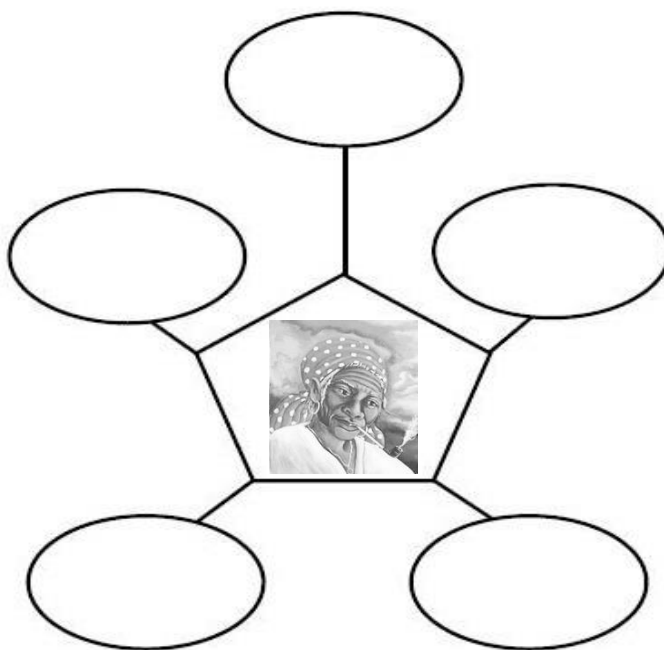
#### AS HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA NA ESCOLA

Para trabalhar a obra Histórias da velha Totônia com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, no intuito de gerar expectativas sobre o livro, o professor pode conversar com a turma sobre os gêneros: memórias literárias e contos de fada, a partir da apresentação de trechos lidos desses gêneros. A seguir, sugerimos montar coletivamente um painel com as principais características de cada gênero, evocadas através de perguntas sobre quem são as personagens da história, sobre a possibilidade de os fatos narrados terem ocorrido de verdade ou não, sobre o local onde os eventos aconteceram e se são fatos rememorados ou criados.

Em seguida, os estudantes, divididos em 5 equipes de 5-6 alunos, podem fazer uma pesquisa sobre o autor José Lins do Rego. Cada equipe receberá um comando para montar um quadro contendo a linha do tempo de: (i). fatos ocorridos na vida desse autor na infância; (ii). na adolescência; e (iii). na vida adulta; (iv). livros escritos por ele; e (v). árvore genealógica da família Lins do Rego. As equipes deverão socializar os quadros organizados antes de afixá-los na parede. Ao final da atividade, o professor pode montar com os alunos uma síntese do que foi pesquisado e achado por eles.

Para a aula introdutória à leitura da obra, o professor deve propor uma discussão sobre as informações contidas na capa e nas ilustrações do livro; fazendo perguntas orais sobre quem eles acreditam ser a Velha Totônia, sobre o seu papel na história e sobre a ideia central e a temática do livro. Em seguida, o professor pode ler a apresentação e a dedicatória feita por Rego no livro, pedindo que cada equipe infira as características da personagem da Velha Totônia. A partir das discussões, cada equipe pode fazer o mapa da personagem, inferindo sobre o texto lido pelo professor. O objetivo aqui é compreender e ampliar os conhecimentos divulgados no início da narrativa sobre a personagem, contadora de histórias para a seguir, na leitura do livro, confirmar tais hipóteses.

**Figura 1** - Mapa da personagem - Velha Totônia



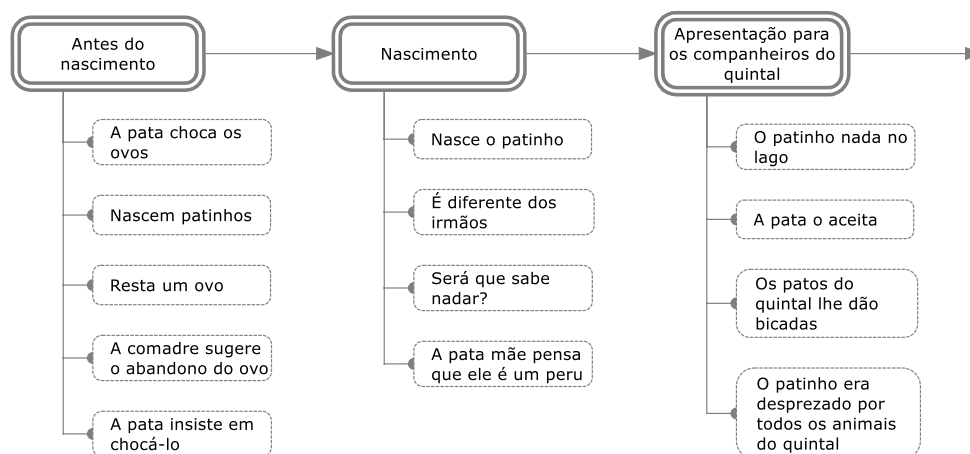
Fonte: As autoras, 2020.

Para a realização da leitura, o professor fará a apresentação de um dos contos do livro no formato de contação de histórias. Ele pode se caracterizar da Velha Totônia e contar a narrativa escolhida para a turma. Depois disso, o professor distribui todos os contos para os estudantes e os convida a uma leitura diferenciada. Suponhamos que o primeiro conto, O macaco mágico, tenha sido o escolhido para a leitura do professor em voz alta. O outro, A cobra que queria ser uma princesa pode ser lido individualmente. Já a narrativa, O príncipe pequeno pode ser lida pela equipe, ou seja cada grupo de alunos lerá e conversará sobre esse conto. E, por fim, um outro modo de ler pode ser escolhido pelo docente para que os alunos leiam a última

história - O sargento verde, como leitura dramatizada. Dessa maneira, além de utilizar vários modos de ler, o professor evita o cansaço e uma rotina enfadonha.

Para compreender e apreciar criticamente o texto, numa aula seguinte, as equipes devem conversar sobre os pontos observados durante a leitura do livro. O professor sempre pode retomar o que representara conexões feitas pelos alunos e apresentadas nas discussões finais. Para melhor compreensão, parte-se agora para a construção do sentido macrotextual da história através do registro escrito. Assim, chega-se ao momento da sumarização. A sumarização deve ser realizada num quadro onde sejam colocadas as passagens do texto lido, como uma retomada do enredo de cada conto. O docente, pode novamente dividir a sala em equipes e pedir para que cada uma faça a síntese de um dos contos. Os alunos podem fazer um gráfico Mapa da história. Nele, não só são relatados os eventos da história, como também a percepção sobre a estrutura do texto. Como no exemplo a seguir, feito com parte de um outro conto infantil - O patinho feio, de Hans Christian Andersen.

Figura 2 - Mapa da história (modelo)



Fonte: As autoras, 2020.

O quadro feito pelos estudantes será socializado através de uma leitura compartilhada. “Esse tipo de atividade pode servir como parâmetro para a reescrita da história, próxima atividade a ser desenvolvida. Através dessa leitura compartilhada, os alunos estarão mais conscientes de que personagens e ações de uma história se inter-relacionam” (SANTOS e SOUZA, 2011, p. 67).

Dessa maneira, expusemos atividades nos três momentos do ato de ler: antes, durante e após a leitura. A utilização das estratégias de compreensão leitora, como pudemos perceber, não só contribuem para o professor trabalhar cada um dos quatro contos de Histórias da Velha Totônia, mas para explorar qualquer outro texto ou obra literária. Faz-se necessário, porém, que as definições dessas estratégias sejam sempre retomadas no início de cada proposta de leitura. Desenvolver atividades com tais estratégias, “cria um esquema para que os estudantes estabeleçam relações entre o conhecimento que já possuem e o texto lido. Isso aumenta a bagagem linguística, cultural e textual”. O conhecimento prévio possibilita revisitar “lugares e situações; discurso, gêneros e histórias” ouvidos e lidos. Trabalhar essas atividades faz “com que as histórias se internalizem e produzam um referencial teórico para os alunos”, visto que facilitam a compreensão, a experimentação e o desfrutar do que se lê, conforme afirmam Santos e Souza (2011, p. 90-91), citando Smith (1989, p. 34).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo permitiu refletir a prática de leitura em sala de aula, principalmente a do texto literário. Como a leitura é um dos instrumentos mais significativos de interação social, todos deveriam ser leitores proficientes em tempo integral. A verdadeira leitura possibilita a busca, a análise, a seleção, a conexão, a organização de dados e a obtenção de informações para compreender as complexas situações do exercício da cidadania, no mundo contemporâneo.

Sendo a escola a instituição responsável pelo conhecimento sistematizado e o professor, o mediador para esse conhecimento, a leitura passa a ser uma prática necessária em sala de aula. Mesmo assim, há muita divergência entre a realidade e o efetivo exercício da leitura na escola, o que leva os alunos a não gostarem de ler por não entenderem o que lêem.

Além da carência de práticas efetivas de leitura, há a ausência e/ou a fragmentação da leitura literária na sala de aula, mesmo que esses textos tragam significativas contribuições para a construção do conhecimento de um indivíduo, levando-se em conta a importância do seu papel crítico-reflexivo e humanizador. A leitura literária possibilita ao leitor reconstruir realidades, relacionando-as com sua própria vida. Ao mesmo tempo em que lhe permite explorar e respeitar pontos de vista alheios, semelhantes ou divergentes aos seus. Ainda, possibilita como enfatizamos nesse artigo, criar alternativas, rever conceitos, ideias e valores, ou seja, media a ressignificação de conhecimentos.

Por essas e outras razões, ressaltamos aqui a relevância literária do autor José Lins do Rego, destacando o quanto sua produção, pautada nas reminiscências de sua infância e adolescência, constitui um elemento singular para uma proposta de leitura literária. Toda a obra deste autor é permeada pela componente memorialista e *Histórias da Velha Totônia* é um dos marcos mais significativos deste aspecto, visto que Rego evoca a voz de uma contadora de histórias que, incansavelmente, com toda bondade e sabedoria inerentes a uma boa velhinha, passava nos engenhos de cana-de-açúcar do final do século XIX e início do XX, povoando o universo imaginário das crianças com histórias de Trancoso e o mundo da “gente das maravilhas”.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Quelroz, Editor, LTOA. Universidade de São Paulo, 1979. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod\\_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf).
- CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Ministério da Educação: Serviço de Documentação, 1951. Disponível em: [https://kupdf.net/download/carpeaux-otto-pequena-bibliografia-critica-da-literatura-brasileirapdf\\_5a5e4835e2b6f53a67e6f051\\_pdf](https://kupdf.net/download/carpeaux-otto-pequena-bibliografia-critica-da-literatura-brasileirapdf_5a5e4835e2b6f53a67e6f051_pdf).
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizontes: São Paulo, 2018.
- DALVI, Maria Amélia. **Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas**. Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES, Vitória, ES. a. 10, v. 19, n. 38, p. 11-34, jul./dez. 2013.
- DAVIS, Lynn e SOUZA, Renata Junqueira. **Entendendo textos: estratégias para a sala de aula**. Leitura. Teoria & Prática, 2009. v. 1, p. 31-37.
- FISCHER, Luis Augusto. **Literatura brasileira: modos de usar**. Porto Alegre: LPM, 2007.
- FRANCHETTI, Paulo. **Estudos de literatura brasileira e portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- HARVEY, Stephanie; GOUDVIS, Anne. **Strategies that work. Teaching comprehension for understanding and engagement**. USA: Stenhouse Publishers & Pembroke Publishers, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- PRESSLEY, Michael. **Reading instruction that works: The case for balanced teaching**, 2nd edition. New York: Guilford, 2002.
- REGO, José Lins do. **Histórias da velha Totônia**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2010.
- SANTOS, Ana Maria Martins da Costa e SOUZA, Renata Junqueira de. **Andersen e as estratégias de leitura**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

SANTOS, Luciene Souza; ARAPIRACA, Mary de Andrade. **Testamento das gentes das maravilhas**. Revista Entreldeias. Vol. 6, n. 2 (jan./jun. 2017). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2017. Disponível em <file:///C:/Users/Cliente/Desktop/21675-84608-1-PB.pdf>.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

ZIMMERMANN, Susan; HUTCHINS, Chryse. **7 keys to comprehension: how to help your kids read it and get it!** Portsmouth NH: Three Rivers Press, 2003.

Recebido em: 06-05-2020

Revisões requeridas em: 28-07-2020

Aceito em: 04-08-2020